

DISPOSITIVOS DE UMA BELEZA NEGRA NO BRASIL

Amanda BRAGA
Universidade Federal da Paraíba
Universidade Federal de São Carlos
amandabraga_jp@hotmail.com

RESUMO: Este artigo parte dos pressupostos teóricos e metodológicos oferecidos por uma Análise do discurso que deriva dos estudos de Michel Pêcheux, aceita as contribuições de Michel Foucault e, do mesmo modo, acata as atuais discussões de Jean-Jacques Courtine. Nosso intuito é partir da noção de *dispositivo* – empregada por Michel Foucault em seu primeiro volume dedicado à história da sexualidade – a fim de entender de que modo estão postas, atualmente, as representações acerca do corpo negro no Brasil. Para tanto, nosso objetivo é recuperar, ainda que brevemente, a espessura histórica dos discursos em questão, na tentativa de apresentar as continuidades e descontinuidades com que se apresentam na atualidade.

Palavras-chave: discurso; dispositivo; imagem; corpo negro.

É bem verdade que os modos de representação permanecem por muito tempo absolutos antes de serem relativizados e ressignificados. Os sentidos atribuídos ao corpo num determinado momento histórico se desfazem em momentos seguintes, transformam-se, carregam novos sentidos, produzem novos padrões, apresentam-se e materializam-se de modos distintos. Mas é preciso afirmar, no entanto, que esse trânsito traz memórias e, portanto, continuidades em relação ao momento anterior. Assim, considerando não apenas os discursos sincreticamente materializados, mas considerando, ainda, a construção de um *corpus* heterogêneo em si mesmo, nosso intuito é empreender uma análise discursiva sobre o corpo negro no Brasil a partir das memórias que temos desses padrões e dos acontecimentos discursivos que ressignificam essas memórias na atualidade.

Nosso objetivo é empreender a análise de três *dispositivos*, que partem da atualidade e chegam à França do século XIX. Para tanto, embora não pretendamos executar uma demorada discussão acerca das bases teóricas que fundam a Análise do Discurso francesa ao final daquela década de 60, em meio a tantos convulsionados acontecimentos políticos, é preciso dizer que estamos partindo de uma abordagem discursiva, que busca, com Pêcheux, investigar não apenas o modo como os sentidos são construídos num dado momento histórico, mas também o modo como essa produção discursiva trabalhará na construção de sujeitos. De Foucault, nos interessa, nesse artigo em particular, a noção de *dispositivo*, a partir da qual entenderemos cada momento pontuado, investigando seu funcionamento no que diz respeito ao agenciamento de sujeitos e práticas, atribuindo-lhes uma espessura histórica. E, por fim, estamos pautados, ainda, na proposta de Jean-Jacques Courtine acerca de uma Semiologia Histórica, o que nos abre, por um lado, a possibilidade de considerar um objeto sincrético – distanciando-se, portanto, do discurso verbalmente materializado enquanto elemento privilegiado da Análise do Discurso – e, por outro lado, a necessidade de devolver ao discurso sua espessura histórica.

Iniciaremos, assim, com uma sumária discussão acerca da noção de *dispositivo* na obra de Michel Foucault e seguiremos, posteriormente, com a análise do *corpus* recortado.

1 Das preocupações terminológicas: sobre a noção de dispositivo

Tendo em vista a gama de discussões que se formou em torno da noção de *dispositivo* na obra de Michel Foucault, é preciso que empreendamos, aqui, ainda que rapidamente, uma explanação que nos permita esclarecer o que estamos considerando enquanto *dispositivo*, na tentativa de sanar uma determinada preocupação terminológica, bem como de elucidar o lugar de onde partimos. Para tanto, demonstraremos o modo como o próprio Foucault o toma, no momento em que seu pensamento está centrado nos estudos sobre a *governamentalidade* ou o *governo dos homens*. Posteriormente, trataremos o estudo de Giorgio Agamben, buscando acompanhar o que ele chamará de uma *sumária genealogia do termo*, seja no interior da obra de Foucault, seja num contexto histórico mais amplo.

Ao final dos anos 70, então, após fazer trabalhar as noções de *épistémè*, saber e formação discursiva em *A Arqueologia do Saber* (1969) e em *As Palavras e as Coisas* (1975), Foucault traria à cena a noção de *dispositivo* no primeiro volume dedicado à *História da Sexualidade* (1976). Interrogado sobre a natureza do termo, sua composição e seu modo de funcionamento, Foucault responderá que, por esse termo, primeiramente, pretende demarcar

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. Sendo assim, tal discurso pode aparecer como programa de uma instituição ou, ao contrário, como elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda; pode ainda funcionar como reinterpretação desta prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes. Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (FOUCAULT, [1977] 2006, p. 244).

Assim, em Foucault, o termo *dispositivo* compreende a rede estabelecida entre um conjunto de elementos discursivos e não-discursivos, a partir dos quais se estabelece um jogo que tem por finalidade *responder a uma urgência*, o que lhe confere, portanto, uma *função estratégica*. “Se trata no caso de uma certa manipulação das relações de força, de uma intervenção racional e organizada nestas relações de força, seja para desenvolvê-las em determinada direção, seja para bloqueá-las, para estabilizá-las, utilizá-las, etc” (FOUCAULT, [1977, 2006, p. 246). Para Agamben (2009), essa ideia pode ser mapeada a partir de três pontos fundamentais: a heterogeneidade dos elementos que compõem o dispositivo, sua função estratégica inscrita numa relação de poder e sua composição marcada pelo entrecruzamento destas últimas com relações de saber. “É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (FOUCAULT, [1977] 2006, p. 246).

Preocupado em traçar uma genealogia do termo, Agamben (2009) ressaltará que é a noção de *positivité* que repousa na base da noção de *dispositivo*. Utilizada por Foucault em *A*

Arqueologia do Saber no momento em que define seu objeto, o termo *positivité* já estava presente, anteriormente, em artigo de Jean Hyppolite, intitulado *La philosophie de l'histoire de Hegel*, no qual está presente a análise de duas obras hegelianas: *O espírito do cristianismo e seu destino* e *A positividade da religião cristã*. Considerando *destino* e *positividade* enquanto elementos-chave no pensamento de Hegel, Hyppolite mostrará o modo como o termo *positivité* será decisivo na distinção operada entre *religião natural* e *religião positiva*: a primeira diria respeito à ligação estabelecida entre a razão humana e a esfera divina por meio próprio, instintivo, natural; a segunda, por seu turno, faz referência à ligação estabelecida a partir de crenças, regras e ritos que não são naturais, mas são, ao contrário, adquiridos a partir de uma imposição que nos é exterior, o que nos faz concluir, com Hegel, que se trata de um modo de coerção. Sendo assim, da distinção efetuada entre natureza e positividade, decorreria, do mesmo modo, a distinção entre liberdade e coerção, bem como entre razão e história (AGAMBEN, 2009).

Se “positividade” é o nome que, segundo Hyppolite, o jovem Hegel dá ao elemento histórico, com toda sua carga de regras, ritos e instituições impostas ao indivíduos por um poder externo, mas que se torna, por assim dizer, internalizada nos sistemas de crenças e dos sentimentos, então Foucault, tomando emprestado este termo (que se tornará mais tarde “dispositivo”), toma posição em relação a um problema decisivo, que é também o seu problema mais próprio: a relação entre os indivíduos como seres vivos e o elemento histórico, entendendo com este termo o conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras em que se concretizam as relações de poder” (AGAMBEN, 2009, p. 32).

Assim, tanto em Hegel, quanto em Foucault, as ideias de *positividade* e de *dispositivo*, respectivamente, estariam postas na relação estabelecida entre o indivíduo e a história. No primeiro, a *positividade* estaria marcada no modo como um conjunto de preceitos historicamente construídos são internalizados pelo indivíduo a partir da imposição de um *poder externo*. No segundo, o *dispositivo* estaria relacionado ao agenciamento das instituições, dos processos de subjetivação, bem como do modo como se organizam os mecanismos de poder. Nesse sentido, embora Foucault recuse uma ideia verticalizada do poder e descentralize categorias “universais” como o Estado, a Soberania ou a Lei, os dispositivos, pela amplitude que assumem, “são precisamente o que na estratégia foucaultiana toma o lugar dos universais” (AGAMBEN, 2009, p. 33), a partir de uma atuação horizontal dos elementos históricos que os compõem.

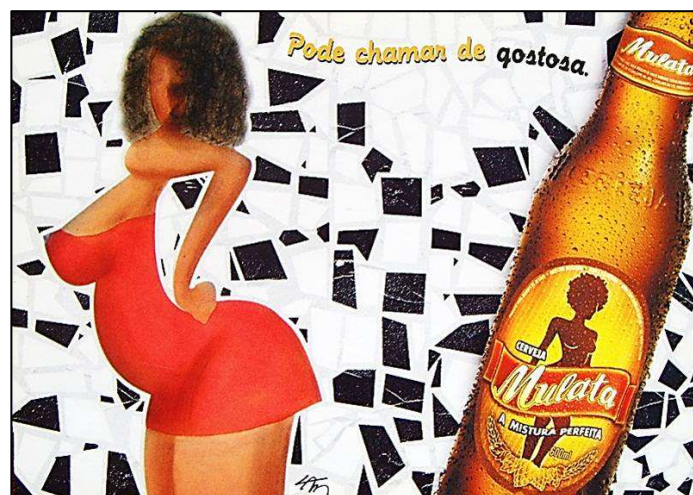
O dispositivo estaria posto, assim, na maneira como se organizam as relações de poder e saber, a partir das quais, considerando-se um dado planejamento estratégico, seria possível empreender um determinado agenciamento de sujeitos e práticas, o que nos leva a ratificar, portanto, sua finalidade coercitiva. Trata-se, portanto, de uma tecnologia organizada para agenciar um campo de forças, o que acaba por criar, a determinadas ações, uma propensão histórica.

2 A gostosa, a deformada, o monstro

Entre o preto e o branco (que nos sistemas anglo-saxão e sul-africano são termos exclusivos), nós temos um

conjunto infinito e variado de categorias intermediárias em que o *mulato* representa uma cristalização perfeita.

[Roberto DaMatta]



O anúncio acima é um cartão publicitário lançado em 2006: *Pode chamar de gostosa. Cerveja Mulata: a mistura perfeita*. Construído de modo a resgatar o imaginário da *mulata* no Brasil, o anúncio não tarda em fazer deslizar a idéia de *mistura* para a idéia de *miscigenação*, incorporando-as numa mesma significação. O produto a ser vendido é, ele mesmo, fruto de uma *mistura*: elaborada a partir de uma combinação exclusiva de maltes pilsen e lúpulos importados da Europa. E essa *mistura* não aparece apenas na descrição da cerveja, mas está estampada em seu próprio nome: o termo *mulato* designa um “filho de pai branco e mãe negra, ou vice-versa; pardo”, como já cristalizou o Aurélio (2004). Do mesmo modo, o pano de fundo em que foi construído o cartão não é banal: há também aqui uma *combinação* de formas, de tamanhos e, principalmente, há aqui uma combinação de cores. O que temos é um mosaico em preto e branco, onde várias peças estão aglomeradas, combinadas e constroem, juntas, um todo. Não é bem esse o retrato racial do Brasil?

A mulher *mulata* se constitui, aqui, entre a caricaturização de um corpo exacerbado e o teor sexual nele presente. A partir do modo como está posta a linguagem verbal – *Pode chamar de gostosa* – o anúncio resgata uma dimensão histórica que está, ao mesmo tempo, impressa e além da imagem. Freyre ([1933] 2006) nos falará sobre o retrato de uma *mulata fácil*, docilizada ao sabor dos desejos patriarcais: aquela que iniciou nossos meninos de engenho *no amor físico e os transmitiu, ao ranger da cama de vento, a primeira sensação completa de homem* (FREYRE, [1933] 2006, p. 367). Estamos falando, assim, de um imaginário historicamente construído, de uma *mulata* sem rosto, que abarca, em si, a memória de todas as *mulatas* escravizadas nos primeiros quatro séculos deste país, sobre a qual (e para a qual) se pode falar tudo; *pode*, inclusive, *chamar de gostosa*. Sem maiores pudores.

Do mesmo modo, a despreocupação em cobrir boa parte do corpo indica, mais uma vez, a *mulata fácil* de que fala Gilberto Freyre, oferecida ao sabor do público consumidor. Mais que isso: é uma *mulata* que acentua suas curvas, aponta a positividade de seu quadril, empina-o em perfil, mostrando-se consciente dos sentidos construídos por essa particularidade de seu

corpo. Mas a história de um quadril farto não começa aqui, ela é reflexo de discursos anteriores. Em arquivos do período escravocrata brasileiro, é comum encontrar expressões que denunciam o acúmulo de gordura das nádegas de corpos escravos: *bundas grandes, nádegas salientes, empinadas para trás, nádegas gordas, traseiros arrebitados*, entre outras.

Em se tratando de anúncios em jornais brasileiros do tempo do Império, que ora anunciam a venda, ora a busca por escravos fugidos, é possível encontrar anúncios como o da escrava Cristina: “A *bunda empinada* e os dedos [dos pés] muito curtos e que pareciam não ter juntas eram as *principais deformações* que caracterizavam o corpo cheio e de estatura regular da escrava Cristina, crioula” (*Diário de Pernambuco*, 11/11/1841, grifo nosso)¹. Ou, ainda, como a escrava Maria: “*Nádegas saídas para fora deformavam o corpo* da escrava Maria, de nação Caçanje, baixa e de rosto feio, os olhos aboticados, mãos foveiras, ambas muito grandes (*Diário de Pernambuco*, 17/11/1843, grifo nosso)².

Nesses anúncios, por um lado, há a construção de uma imagem zoológica atribuída ao corpo negro – a partir, por exemplo, de atributos como pés muito curtos, rosto feio, olhos aboticados –, e há, principalmente, por outro lado, a ideia de deformação atribuída diretamente à esteatopigia (acúmulo de gordura nas nádegas), marcada pelo verbal. Não por acaso, Gilberto Freyre tratará sobre as nádegas das mulheres escravas ao discorrer sobre as deformações do corpo escravo. Assim, ao lado de deformações causadas por uma intervenção externa – castigos, incisões, furos, talhos, rituais, doenças, ofícios –, havia, para ele, do mesmo modo, “deformações que caracterizavam, na população das senzalas brasileiras do século passado, grupos étnicos: a esteatopigia das mulheres hotentotes, por exemplo. Suas ‘nádegas empinadas’, ‘suas bundas grandes’, seus traseiros ‘arrebitados’” (FREYRE, [1963] 2010, p. 151).

No entanto, mais uma vez, é preciso retornar à história: olhar pra trás significa perceber que os sentidos atribuídos à positividade negra no que diz respeito ao quadril também não tem início no período escravocrata. O povo hotentote, de que fala Gilberto Freyre na citação anterior, teria grande visibilidade na França do século XIX. Vamos a ela.

Nascida na África do Sul em 1789 com 1,35m de altura, aquela que ficou conhecida como *Vênus Hotentote*, ou *Vênus Negra*, pertencia ao povo *Khoisan*, cujos invasores europeus denominaram, mais tarde, de Hotentotes ou Bosquímanos. Desconhecendo seu nome de batismo, foi chamada de Saartjie (“pequena Sara”) por uma família de agricultores holandeses que morava próximo à Cidade do Cabo, por quem foi adotada aos 10 anos na condição de serva e de quem assumiu o sobrenome, passando a chamar-se Saartjie Baartman. Pertencente ao povo Hotentote, herdou as características físicas pelas quais ficaram conhecidas as mulheres de seu povo: uma espécie de “avental frontal”, ou “avental hotentote”, que denotava a hipertrofia de seus lábios vaginais; bem como a esteatopigia, o que lhe conferia um acúmulo de gordura nas nádegas, fazendo-as maiores, mais salientes e elevadas em relação ao padrão europeu.

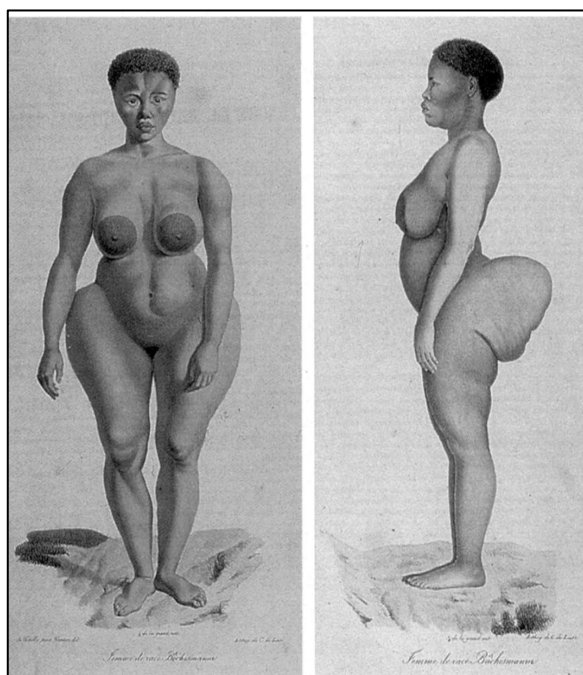
No início do século XIX, mais precisamente em 1810, Saartjie foi levada para Londres na perspectiva de empreender uma turnê de apresentações pela Europa. Pelos atributos físicos considerados exóticos aos olhos europeus, Saartjie foi exposta em feiras, circos e teatros.

¹ (FREYRE, [1963] 2010, p. 145).

² (FREYRE, [1963] 2010, p. 148).

Nessas ocasiões, em uma jaula, “Saartjie aparecia presa a uma corrente (nua, porém com a vagina coberta) e caminhava de quatro, de maneira a ressaltar o seu traseiro e sublinhar a natureza ‘animalesca’ que, naqueles tempos, costumava-se atribuir à sensualidade” (PELLEGRINI, 2009)³. A presença da jaula ratificava seu caráter supostamente perigoso, selvagem e incivilizado, diretamente relacionado, à época, à crença de uma sexualidade ameaçadora, já que incontrollável.

Em 1824, foi divulgado um desenho duplo, de face e de perfil, no livro *História natural dos mamíferos com figuras originais, coloridas a partir de animais vivos*, publicado pelo anatomista Geoffroy de Saint-Hilaire e pelo próprio Cuvier, onde Saartjie aparecia “catalogada” como uma das 120 espécies de mamíferos.



Vênus Hotentote: desenho duplo em 1824. Imagem publicada em Samain (2001).

Nas imagens, é possível perceber com clareza os atributos físicos que causavam, ao mesmo tempo, espanto e curiosidade nos europeus: os lábios vaginais crescidos cerca de 8 a 10 cm a partir da virilha, além do acúmulo de gordura nas nádegas. Ao corpo da *Vênus Hotentote* foi atribuído, por um lado, a qualidade de zooloide: aproximando-o do animal ou até confundindo-se com ele; e, por outro lado, uma suposta superexcitação sexual, cuja prova final residiria na hipertrofia de seus órgãos sexuais. Assim, pelo olhar curioso e sedento pelo susto da “anormalidade”, a *Vênus Hotentote* tornou-se muito conhecida pelas aparições em circos e exposições exóticas de Londres.

No ano seguinte à sua morte, em 1816, Cuvier fez a autópsia de Saartjie, dissecou seu corpo, moldou e conservou seu cérebro e suas partes genitais em formol. Por fim, concluiu que a Hotentote “associava uma mulher da espécie humana ‘a mais baixa’ com a mais alta da

³ Referência eletrônica, ausência de página.

família dos macacos, o orangotango e descrevia as ‘anomalias’ de sua genitália” (RAGO, 2008)⁴. Nas palavras de Samain:

concluiu que se as “hotentotes” faziam parte da espécie humana eram dotadas de particularidades raciais tais como um amontoado gorduroso nas coxas e o “avental”, isto é, uma hipertrofiada parte da vulva interpretada como testemunho de hipersexualidade (Roquebert, 1994: 10)⁵. No espírito do público, Saartje se tornara a mulher africana “típica” (SAMAIN, 2001, p. 114).

Por “mulher africana típica”, Samain (2001) faz referência a todo o imaginário criado em decorrência do corpo de Saartje e suas exposições. Assim, “a mulher africana típica” guardava no tamanho dos órgãos sexuais, bem como nas nádegas de 18 polegadas, uma hipersexualidade que evidenciava um corpo cujo apetite sexual é incontrolado, além de uma natureza puramente instintiva. Nessa alteridade, “brancos se construíam como civilizados, comedidos, inteligentes. Funda-se a representação de que a sexualidade feminina, não calcada no corpo branco, controlado, é em geral patológica” (DAMASCENO, 2007)⁶.

3 Para concluir

Conforme dissemos inicialmente, o intuito desse artigo era analisar três dispositivos, partindo da atualidade e chegando à França do século XIX. A começar pela campanha publicitária da *Cerveja Mulata*, passando pelos recortes de jornais do século XIX brasileiro, e chegando à *Vênus Hotentote*, temos, nas três ocasiões, uma positividade acentuada no quadril. O dispositivo que controla a produção discursiva de cada momento, no entanto, atribuirá sentidos diferentes ao mesmo corpo.

No momento atual, embalado por um contexto em que iniciativas governamentais e não-governamentais apontam a necessidade de se ratificar uma imagem afirmativa ao negro, como é o caso das políticas afirmativas, a publicidade da *Cerveja Mulata* apresenta o retrato de um discurso que, embora seja partidário de uma iniciativa que vê, no negro, uma imagem positiva, não tarda em vinculá-la a uma beleza calcada no caráter sexual. É no quadril acentuado que a mulata da publicidade marca seu corpo e sua beleza, usando-o, como bem se pode perceber, na construção de uma aguçada sexualidade. Nesse sentido, nesse primeiro momento, as nádegas da mulata em questão – e que se poderia estender a um contexto brasileiro mais amplo – recebem um sentido de beleza e sexualidade, ao mesmo tempo.

Já no contexto escravocrata, o dispositivo de controle estava centrado na ideia do senhor – dono absoluto de seus escravos e de seus corpos –, bem como no próprio modo de funcionamento do sistema escravista, em que a hierarquia criada por brancos – e imposta a negros – formava um mercado humano em que homens vendiam homens. Aqui, os anúncios que descrevem os atributos corporais de negros fugidos apontam essa mesma positividade das nádegas enquanto deformação: as *nádegas saídas para fora* deformavam o corpo da escrava

⁴ Referência eletrônica, ausência de página.

⁵ ROQUEBERT, A. La sculpture ethnographique au XIX siècle, objet de mission ou oeuvre de musée. In: *La sculpture ethnographique. De la Vénus hottentote à la Tehura de Gauguin*, Paris, Réunion des Musées Nationaux, 1994.

⁶ Referência eletrônica, ausência de página.

Maria; do mesmo modo, ao lado dos dedos dos pés – muito curtos –, era a *bunda empinada* que deformava o corpo da escrava Cristina. Vale salientar que o dispositivo em vigência aqui apontava o padrão de beleza centrado no padrão europeu enquanto parâmetro. Não correspondendo a ele, a positividade que algumas negras – principalmente as hotentotes – apresentavam no quadril, não tardava em receber a qualidade de deformação corporal.

Por fim, chegamos à Vênus hotentote do século XIX francês. O dispositivo de controle discursivo, naquele momento, estava centrado – entre outros elementos – na *ferocidade científica do colonialismo*, e, portanto, na necessidade de se confirmar as teorias médias eugenistas que então circulavam e se desenvolviam. Assim, apontou-se a diferença racial enquanto mola propulsora capaz de gerar uma distância abismal entre europeus e africanos: “as diferenças raciais foram a princípio objeto de espetáculo, diante de olhares prontos a adivinhar a anomalia monstruosa sob a estranheza exótica” (COURTINE, [2006] 2009, p. 257). Marcam-se, então, os títulos de *selvagem* e *civilizado*: ao primeiro, grotesco em forma e gestos, cabia a exibição de sua monstruosidade para deleite e curiosidade do segundo. Nesse palco, o hotentote será a prova final do parentesco entre o animal, o monstro e o selvagem. Aqui, o sentido atribuído à positividade das nádegas hotentotes não poderia ser outro senão o da anomalia, da monstruosidade e, no limite, o da hipersexualidade.

Com isso, queremos mostrar as discontinuidades de uma história que se move na medida em que oferece novos olhos às mesmas práticas. As marcas da *Vênus Hotentote* estão espalhadas pelos arquivos do período escravocrata brasileiro. Do mesmo modo, as marcas de corpos escravos esteatopígicos inundam o imaginário brasileiro e chegam às nossas publicidades. Trata-se, portanto, de corpos que são iguais, mas são distintos: iguais na forma, distintos no modo como significam. Da monstruosidade à beleza, a história atesta sua movência.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. [2006]. O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: as mutações do olhar: o século XX**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 253 – 340.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAMASCENO, Janaína. Corpo de quem? Espetáculo e ciência no século XIX. **Revista eletrônica de jornalismo científico**. Campinas, SP, n. 92, out. 2007. Disponível em: <www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=29&id=338>. Acesso em: 24 out. 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Eletrônico versão 5.13**. 7 ed., revisada e atualizada do Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Editora Positivo, 2004.

FREYRE, Gilberto. [1933]. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 1). 51 ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

_____. [1963]. **Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**: tentativa de interpretação antropológica, através de anúncios de jornais brasileiros do século XIX, de características de personalidade e de formas de corpo de negros ou mestiços, fugidos ou expostos à venda, como escravos, no Brasil do século passado. 4 ed. São Paulo: Global, 2010.

FOUCAULT, Michel. [1977]. Sobre a história da sexualidade. In: _____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 22 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. p. 243 – 276.

PELLEGRINI, Luis. Saartjie: a vênus hotentote. **Revista Planeta**, São Paulo: Ed. Três, edição 442, jul. 2009. Disponível em: <www.terra.com.br/revistaplaneta/edicoes/442/artigo144012-1.htm>. Acesso em: 24 out. 2011.

RAGO, Margareth. O corpo exótico, espetáculo da diferença. **Labrys, études féministes/ estudos feministas**. n. 13, jan-jun, 2008. Disponível em: <www.tanianavarrosvain.com.br/labrys/labrys13/perspectivas/marga.htm>. Acesso em: 24 out. 2011.

SAMAIN, Étienne. Quando a fotografia (já) fazia os antropólogos sonharem: O jornal La Lumière (1851-1860). **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 44, n. 2, p. 89-126, 2001. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ra/v44n2/8833.pdf>. Acesso em: 24 out. 2011.